

## REFLEXOS DO *BULLYING* NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS ESCOLARES E A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Marcelo Franco Leão\*  
marcelofrancoleao@yahoo.com.br  
Francisca Melo Agapito\*\*  
francisca.agapito@hotmail.com

### RESUMO

O *bullying* é um fenômeno de comportamento agressivo presenciado e vivenciado na sociedade contemporânea. Trata-se de um tipo de violência, física e/ou psicológica, caracterizada pela repetição de atos e pelo desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Na escola, quem está envolvido com o *bullying*, poderá sofrer sérias consequências em sua vida acadêmica, tais como o fracasso escolar e a própria evasão desse ambiente hostil. O presente artigo apresenta resultados da investigação de um caso ocorrido com um estudante do Ensino Médio de uma escola pública. Por meio de uma metodologia direta de investigação, com o preenchimento de formulário na turma e entrevista com uma professora, foi possível obter um diagnóstico de como os estudantes e os profissionais em educação lidam com essa realidade. Também levanta meios de intervenção possíveis de ser realizado em atos de *bullying*. Esse estudo mostrou a necessidade da formação do educador frente ao problema em sala de aula. Todos desejam que as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais, por isso devemos como profissionais comprometidos com a educação estar atentos aos acontecimentos no ambiente escolar e intervir quando necessário.

**Palavras-chave:** *bullying*; violência escolar; formação de professores.

### 1 INTRODUÇÃO

No contexto educacional de nosso país, percebem-se agravantes problemas ligados ao comportamento discente, fazendo com que situações de conflito se tornem cada vez mais frequentes nas salas de aula. Tudo o que o ser humano aprende é reproduzido e comunicado nas relações interpessoais. Sendo assim, alunos que não têm um referencial definido para se espelharem não terão limites, além de vivenciarem poucos valores e agirem com agressividade. A violência nas escolas é um problema social grave e complexo. As formas de violência mais comuns no ambiente escolar são as agressões morais e emocionais conhecido como fenômeno *bullying*.

O *bullying*, como fenômeno crescente, precisa ser melhor compreendido pelos educadores por ser uma forma de comportamento violento, resultado da interação entre o

---

\* Mestre em Ensino pela UNIVATES. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tutor do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT/UAB). Professor do Centro de Educação de Jovens e Adultos "15 de outubro" de Barra do Bugres/MT.

\*\* Graduada em Pedagogia (UESC); especialista em Metodologia do Ensino Superior e Libras. Mestranda em Ensino pela UNIVATES. Professora de Libras da UFMA.

desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade e assim causar tanta preocupação e temor. Para tanto, faz-se necessário partir de um conceito sobre essa “doença que afeta a alma” para discorrer sobre como ocorre nas instituições de ensino.

Considerando a temática, esta pesquisa discorreu sobre os reflexos do *bullying* nas relações interpessoais estabelecidas na escola, por intermédio da análise de um caso ocorrido com um aluno da 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul. Este artigo é um recorte da pesquisa apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade Don Alberto de Santa Cruz do Sul – RS.

Uma motivação para a realização da pesquisa foi o fato de que o assunto ainda é pouco abordado na escola, visto que poucos professores apresentam conhecimento do assunto ou não se sentem preparados para agir, faltando espaços para formação e discussão. Também, deve-se ao fato de existir pouca bibliografia publicada sobre o tema.

Outra razão para o estudo está ligada ao crescente número de ocorrências de *bullying* na turma do sujeito investigado, sendo que a escola não se dá conta e não intervém nessas experiências conflitantes entre alunos. A classe não sabe como lidar frente essas situações, as vítimas permanecem caladas e reprimidas desconhecendo a quem recorrer, os colegas se mantêm indiferentes como se nada estivesse acontecendo e os agressores se satisfazem impondo-se como durões.

O estudo teve por objetivo geral apontar reflexos do *bullying* nas relações interpessoais estabelecidas na escola pública. E na especificidade discutir como a turma analisada vê e lida com os casos deste ato na sala de aula, mostrar o papel do orientador educacional no processo de intervenção nesses casos de conflito e desrespeito nas relações e conscientizar a comunidade escolar sobre a violência na escola e propor estratégias para minimizar essas situações.

## **2 BULLYING: CONCEITOS TEÓRICOS**

É reconhecido e noticiado pela mídia que a escola, de modo concomitante e paradoxal, além de se instituir como instância de aprendizagem de conhecimento e de valores, bem como de exercício da ética e da razão, tem-se configurado como um espaço de proliferação de violências, incluindo, brigas, invasões, depredações e até mortes. É um espaço em que os estudantes, em plena fase de desenvolvimento, se deparam, constroem e elaboram

experiências de violência. Frequentemente, a vulnerabilidade social refletida na vivência escolar reduz a força socializadora da escola, interferindo no ambiente relacional e permitindo que os alunos construam a violência como uma forma habitual de experiência escolar (CAMACHO, 2000). Todavia os alunos são ao mesmo tempo socializados e singulares; lapidados pela escola e pela sociedade, ao mesmo tempo constroem a si próprios.

Estudando a temática, Camacho (2000) aponta duas formas básicas de violência na escola: física (brigas, agressões físicas e depredações) e não física nomeados como tal, sendo debatidas possibilidades de intervenção no ambiente (ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização com palavras e atitudes de desmerecimento), sendo a última, muitas vezes, disfarçada, mascarada e de difícil diagnóstico. Essas experiências aniquiladoras ocorrem nos diversos níveis de relações, podendo ter como agente tanto alunos como professores e funcionários, em seus diversos arranjos, quer como protagonistas quer como vítimas.

A existência de *bullying* nas escolas tem sido tema reiteradamente investigado nos últimos anos, no exterior e no Brasil devido sua constante ocorrência. Propaga-se por indivíduos valentes e brigões que põem apelidos pejorativos nos colegas, aterrorizam e fazem sofrer seus pares, ignoram e rejeitam garotos da escola, ameaçam, agridem, furtam, ofendem, humilham, discriminam, intimidam ou quebram pertences dos colegas, entre outras ações destrutivas (LOPES, ARAMIS e SAAVEDRA, 2003).

Nas palavras de Fante (2005) o *bullying* é definido como sendo uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente de colocar outra pessoa sob tensão e deliberativamente maltratá-la. Esse termo conceitua todo e qualquer tipo de comportamento agressivo e antissocial dentro do problema da violência escolar.

A autora supracitada afirma ainda que *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia. O *bullying* é executado dentro de uma relação desigual de poder e, com base em pesquisas recentes, a maioria dos estudantes é vítima e uma minoria agressora. Dessa forma, pode-se entendê-lo como um tipo de violência, física e/ou psicológica caracterizada pela repetição de atos e pelo desequilíbrio de poder entre agressor e vítima.

Esse desequilíbrio de poder e busca de autoafirmação que ocorre em nossas escolas é algo preocupante, pois crianças e adolescentes reproduzem o comportamento que vivenciam com os adultos e essas formas de expressão são reflexos da sociedade que formamos.

Ainda sobre o conceito de *bullying*, Beaudoin e Taylor (2006) afirma ser um tipo de intimidação direta ou indireta cujo leque de possibilidades varia desde simples gozações em tom ofensivo até atitudes mais violentas que empreguem a força física.

Para a Associação Brasileira de proteção a Infância e Adolescência (ABRAPIA), esse fenômeno caracteriza-se por compreender ações negativas como: assediar, perseguir, amedrontar, isolar, discriminar, excluir, dominar, bater, roubar pertences, etc.

Fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de temperamento e influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade, constituem riscos para a manifestação do *bullying* e causam impacto na saúde e desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Ao discutir esse tema, Lopes Neto (2005) afirma tratar-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais.

Em perspectiva similar a do autor supracitado, Fante (2005) defende que o *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão tendo consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores.

Segundo Lopes Neto (2005), o *bullying* é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando estão ausentes. São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

Formas de violência mais sutis e de menor visibilidade, mas nem por isso menos importantes, também fazem parte do cotidiano das instituições de ensino. Pode-se considerar ainda a instituição de ensino e os educadores como possíveis agentes de violência, mediante ações como a imposição de conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos, o precário conteúdo ministrado, a pressão a partir do poder de conferir notas, a ignorância quanto aos problemas dos alunos, o tratamento pejorativo, incluindo as agressões verbais e a exposição do aluno ao ridículo, no caso de incompreensão a algum conteúdo de ensino (GUIMARÃES, 1992).

Para Lopes Neto (2005), os protagonistas do *bullying* são as vítimas, os agressores e os espectadores, cada grupo com suas denominações. Ainda segundo este autor, a maioria dos atos de *bullying* ocorre fora da visão dos adultos e grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida, deste modo pode-se entender por que professores e pais têm pouca

percepção do *bullying*, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução e interrupção dessas situações. Muitas vezes, os professores têm percepção dos fatos que se sucedem, mas não reagem, não reprimem tampouco se manifestam sendo dessa forma coniventes outros ainda, inconsequentes, até incentivam ou fomentam os alunos para essas práticas.

Frente ao referido problema, cabe à instituição escolar refletir e discutir temas que afligem a humanidade em seu cotidiano, dentre os quais se destacam a violência, em especial o *bullying*, suas formas de prevenção e as possíveis repercussões no desenvolvimento da criança e do adolescente. Essa responsabilidade social se deve, em parte, ao reconhecimento de que a esfera de convivência repercute diretamente na socialização infanto-juvenil, além de ser, juntamente com a família, espaço crucial para defesa dos direitos humanos (NJAINÉ, MINAYO, 2003).

### **3 METODOLOGIA UTILIZADA**

O presente estudo consistiu em uma pesquisa analítica que possibilitou entender como e por que situações de *bullying* ocorrem constantemente na sala de aula e qual a posição dos educadores frente a essa situação. Para concretizar o estudo, alguns procedimentos de pesquisa foram adotados: a pesquisa bibliográfica, o estudo de caso e a pesquisa de campo, visando um diagnóstico das relações firmadas em sala de aula.

O estudo de caso pode-se dizer que é uma análise realizada em um determinado local, independentemente de o pesquisador ter certo conhecimento, ou não e analisado profundamente um objeto de estudo. Esse tipo de pesquisa serve para que ocorra o conhecimento real por parte do pesquisador e dos interessados no determinado assunto. Para Yin (2005, p. 27), o estudo de caso “é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes”. O poder diferenciador do estudo de caso é sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências.

Assim sendo, este estudo analisou a situação do estudante Marciano (nome fictício criado para garantir o anonimato do sujeito da pesquisa), menino de 16 anos, que é terceiro filho do casal na ordem cronológica, cujos pais são separados, residindo ele com sua mãe e sua irmã mais nova, onde estuda na 2º ano do Ensino Médio regular da escola pública Modelo na qual pretende concluir os estudos juntamente seus colegas que o acompanha desde a

infância. O sujeito da pesquisa é vítima de *bullying* pelos próprios colegas da turma que agem com sarcasmo e apresentam atitudes preconceituosas com o mesmo o que agrava e tumultua a convivência.

Para coletar dados, utilizou-se um formulário composto por três questões abertas e nove fechadas direcionadas aos alunos do ensino médio de uma escola pública. Por fim, se fez necessário uma entrevista para colher as impressões do educador ao lidar com esse fenômeno.

A abordagem do problema foi qualitativa de análise subjetiva e interpretativa dos resultados da linha de conduta do sujeito investigado. Outros alunos da turma foram questionados através de um formulário. Também se utilizou de entrevistas com os envolvidos, além das observações assistemáticas. Todos os envolvidos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Conforme relata a mãe, ele sempre foi um filho obediente, tranquilo, nunca deu trabalho de comportamento. Na sua infância, Marciano não brincava muito com os irmãos mais velhos, ficando boa parte do tempo sozinho, sempre procurava estar próximo da mãe e desde pequeno ajudava nas tarefas domésticas. Nunca gostou de esportes coletivos como futebol, vôlei, entre outros.

Na adolescência, o menino continuou sendo tímido, introvertido, mostrando-se religioso e um bom filho, nunca se envolveu em brigas ou atritos com vizinhos ou amigos, continuou não sendo de muitos amigos, sempre prestativo, continua realizando tarefas domésticas e toma conta de sua irmã mais nova. Por ser muito tímido e não gostar de badalações nunca apareceu com namorada.

Na escola nunca deu problemas com os colegas, mas apresentou algumas dificuldades de aprendem. Já apresentou queixas das brincadeiras de mau gosto dos colegas e de como sua turma de estudos é barulhenta. Nunca reprovou de ano, não é o aluno mais brilhante que tem as melhores notas, mas é muito esforçado e acima de tudo um bom filho, que não reclama de nada, se dedica exclusivamente para os estudos e para os afazeres de casa.

Observando Marciano durante as aulas que ministro na turma assim como durante a entrevista, considero-o um aluno diferente por ser tímido, introvertido, franzino, apresentando trejeitos que o identificam como homossexual, características estas que o enquadram como potencial alvo dos ataques do *bullying*, ou seja, é uma vítima autêntica o que vem ao encontro

das palavras de Lopes Neto (2005), ao dizer que a vítima típica é aquela que possui aspecto físico frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física quanto verbalmente; a vítima provocadora que tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados.

A pesquisa contou também com a aplicação de um formulário investigativo na turma em que Marciano estuda, o que apontou dados importantes para o entendimento do comportamento, além de auxiliar na formação de educadores. A figura 1 representa um panorama geral dos resultados obtidos, os quais serão analisados a seguir.

Referente às situações de *bullying* presenciado e os locais mais frequentes desse ocorrer foram citados por 85% na rua, 77% na sala de aula, 69% no pátio da escola e 31% presenciaram em casa.

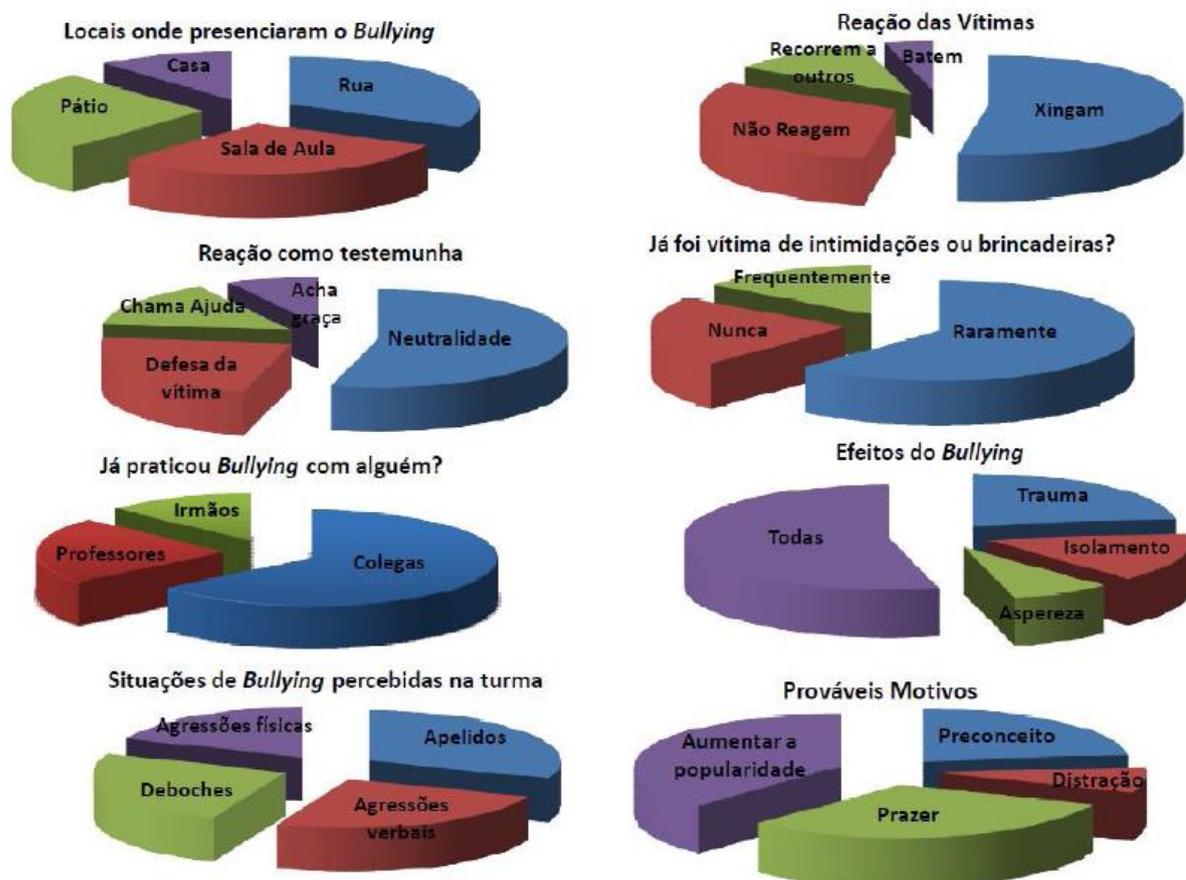
Esse dado comprova as palavras de Guimarães (1992) que afirma fazer parte do cotidiano das instituições de ensino formas de violência mais sutis e de menor visibilidade, nem por isso menos prejudicial, que é o *bullying*.

Quanto a reação ao testemunhar esses atos, 54% dos alunos optam por manterem-se neutros, 23% defendem a vítima, 15% acham engraçado e apenas 8% chamam ajuda. O que vem de encontro às palavras de Fante (2005) que diz que a maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying* e geralmente se cala por medo de ser a próxima vítima, por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola.

Entre esses alunos, 62% afirmaram que mesmo de forma não intencional já praticaram e dentro destes os principais alvos foram: 64% seus colegas, 23% seus professores e 13% seus irmãos.

Esses dados confirmam o que afirma Camacho (2000) ao dizer que a escola é um espaço em que os alunos, em plena fase de desenvolvimento, se deparam, constroem e elaboram experiências de violência. Frequentemente, a vulnerabilidade social refletida na vivência escolar reduz a força socializadora da escola, interferindo no ambiente relacional e permitindo que os alunos construam a violência como uma forma habitual de experiência escolar.

Figura 1. Resultados do formulário aplicado à turma.



Fonte: dos autores (2014).

Referente a quais situações de *bullying* são percebidas na turma, 38% disseram por apelidos, 31% agressões verbais, 31% deboches, 23% agressão física e ainda 54% marcaram todas as alternativas. Respostas essas que refletem as mais variáveis práticas de *bullying*

Perguntando sobre os possíveis motivos que levam a ser constante essa prática na sala de aula, muitos afirmaram que fazem para chamar a atenção, para aumentar a fama de brigões, outros afirmaram que fazem por inveja, para reprimir ou ainda pra ganhar respeito, alguns afirmaram que ocorre *bullying*, porque as vítimas não se defendem e não procuram ajuda, outros ainda disseram que essa prática só ocorre por exibição, sarcasmo ou brincadeira. O que nos leva a compreender a caracterização da ABRAPIA (1998) ao afirmar que quem pratica, comumente, são indivíduos que têm pouca empatia e que estabelecem acordos hierárquicos para evidenciar sua popularidade.

Outro aspecto relevante é que 62% responderam que raramente sofrem *bullying*, 23% disseram nunca ter sofrido e apenas 15% admitem que seguidamente são alvos dessa agressão. Esses dados nos levam a entender que os alvos são praticamente os mesmos elegidos por seu estereótipo.

No levantamento sobre quem são as vítimas e como estas reagem, foi indicado por 85% um único aluno. A respeito da reação notou-se que 52% revidam xingando, 31% não reagem, 12% recorrem a outros e apenas 4% reagem com agressividade e/ou violência física, dados esses que vem ao encontro do estudo da ABRAPIA (1998) ao afirmar que os alvos geralmente são os mesmos, quase sempre são pessoas de baixa estima, seres passivos, com círculo de amigos limitado, extremamente tímidos, sofrem com a vergonha, e geralmente são depressivos e ansiosos.

Quanto questionados sobre quais os efeitos o *bullying* causa as pessoas, 23% da turma acreditam que seja um trauma, 15% disseram causar isolamento, 8% aspereza e 54% dos estudantes optaram por todas as anteriores. Além da baixa estima que é reflexo de maus tratos ou crítica dos próprios colegas, o *bullying* pode comprometer o rendimento escolar e até mesmo causar trauma, isolamento e até agressividade, seus efeitos acompanharão as vítimas por toda sua vida (LOPES NETO, 2005).

Outro aspecto levantado sobre este fenômeno é referente aos possíveis motivos que levam uma pessoa agredir dessa forma outra. Dos alunos entrevistados, 23% julgaram ser o preconceito o agente motivador desta violência, 8% disseram que as pessoas agredem outras por distração, outros 31% acreditam que é por prazer. Mas a maioria dos entrevistados, ou seja, 38% deles, afirmam que o motivo que leva a prática do *bullying* é o aumento da popularidade. Este resultado corrobora o pensamento de Fante (2005) quando afirma que os praticantes do *bullying* são indivíduos que tentam evidenciar sua popularidade.

Quando questionado quem pode ajudar nessas situações, podendo marcar mais de uma alternativa, 38% responderam o diretor, 69% o orientador, 31% o professor, 8% os colegas, 46% os pais e 31% marcaram todas as alternativas o que comprova a importância do papel do orientador educacional nas situações de conflitos e que esse é um trabalho coletivo e integrador de família, professores, alunos e comunidade.

Sobre a forma com que os professores lidam com essas situações e se é percebida alguma ação eficaz foi respondido pelos entrevistados que ao percebem ou presenciam situações de conflito, a maioria dos professores intervém para que as mesmas não voltem a se repetir, alguns conversam com os alunos envolvidos e outros já levam direto para a orientação ou direção. Todavia os entrevistados julgaram não ser ações eficazes, pois as mesmas situações voltam a acontecer instantes depois. Há alguns não fazem nada diante da situação, outros só mandam parar e tem ainda os que levam na brincadeira só chamando a atenção quando excedem ou extrapolam os limites.

Pelas leituras realizadas sobre o assunto e pelas observações do cotidiano escolar ocorridas durante os sete anos de atuação dos pesquisadores na educação, foi possível verificar que na maioria das vezes, os professores sentem medo de encarar esse problema de frente, testemunhando situações, ficando indiferentes e calados, não percebendo que, logo adiante, poderão sofrer as consequências da anormalidade ser concebida como normal nesse ambiente. Mesmo assim, há um esforço pela grande maioria dos professores e da equipe diretiva de encontrar a solução dos problemas para evitar situações desastrosas na escola.

Diante da problemática verificada, algumas ações de intervenção foram sugeridas para a escola como para evitar o *bullying* e ter um bom convívio na sala de aula. São elas: respeitar as diferenças de cada um, ter momentos para conversas/bate papo sobre o assunto como forma de externar as angústias e esclarecer os conflitos, fazer com que os agressores conversem com a orientadora educacional na tentativa de entenderem suas angústias e o porquê agem dessa forma, repudiar qualquer ação violenta e buscar um ambiente amigável e pacífico. Essas ações foram assumidas pelos integrantes da turma na tentativa de melhorar as relações interpessoais nessa sala de aula.

Em entrevista com a professora Maria que ministra uma disciplina da área sócio histórica, verifica-se alguns dados importantes:

**Pesquisador:** Durante suas aulas ocorrem com frequência casos de *bullying*?

**Maria:** “Infelizmente sim.”

**Pesquisador:** Como você reage a estes casos?

**Maria:** “Coibo-os chamando atenção com severidade os seus autores.”

**Pesquisador:** Na turma X já percebeu algum caso de *bullying*?

**Maria:** “Sim, vários casos ocorrem.”

**Pesquisador:** Teve algum específico que lhe chamou a atenção?

**Maria:** “Sim, existe um em especial.”

**Pesquisador:** Por quê?

**Maria:** “Porque boa parte da turma insiste em ridicularizá-lo, isso se agrava devido sua opção sexual e o baixo nível sociocultural da turma.”

**Pesquisador:** Qual sua intervenção neste caso específico?

**Maria:** “Neste caso não bastou só chamar atenção da turma, eu também procurei reforçar a autoestima do aluno que é muito baixa.”

**Pesquisador:** Você já procurou apoio pedagógico ou familiar para resolver estes casos?

**Maria:** “Nem sempre, em primeiro lugar tento resolvê-lo na própria sala de aula com os alunos. Porém em casos mais sérios, deveríamos procurar inicialmente o apoio da coordenação pedagógica, da família e da direção da escola.”

**Pesquisador** Coordenação pedagógica, direção de escola e a própria família, na sua opinião, dão apoio adequado para que o problema seja solucionado?

**Maria:** “Pelo menos deveriam. Acredito que as vítimas precisam de mais apoio psicológico e os autores de tratamento mais severo. No caso de nossa escola o assunto só começou a chamar mais atenção neste ano.”

O depoimento da professora vem de acordo com as palavras de Fante (2005) no sentido de que todos são afetados de certa forma pelo *bullying* assim, alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais, por isso julga-se necessário preparar os professores para enfrentar essa realidade.

Pode-se observar a partir das respostas da professora e dos alunos dessa turma que o *bullying* ocorre na sala de aula de forma sutil, silenciosa e mascarada, influenciando negativamente na vida de todos os envolvidos, mas principalmente das vítimas. Percebe-se também que os praticantes são minoria e que esses assim procedem na busca de autoafirmação frente ao grupo de convívio. São poucos os alvos escolhidos e os espectadores não denunciam por medo de se tornarem as próximas vítimas ou de sofrerem represálias dos autores e que a ação dos professores se mostra ineficaz em combater esses atos.

Após diagnosticar o caso se faz necessário planejar uma ação em conjunto com os professores da turma, com as famílias dos alunos envolvidos, juntamente com a direção da escola na busca de construir uma mudança de postura dos envolvidos, trabalhando o reforço positivo tanto da vítima como dos autores.

O bom educador trabalha de forma integrada e atenta, envolvendo direção, alunos e família, construindo assim, de forma democrática, as ações que serão assumidas por todos, pois Freire e Faundez (1986) enfatizam que toda prática educativa que se funda no estandardizado, no preestabelecido, na rotina em que todas as coisas estão pré ditas, é burocratizante e, por isso mesmo, antidemocrática.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* é fato real na escola contemporânea. Este ato de violência prejudica, além da aprendizagem dos estudantes e o andamento das aulas, a formação e o desenvolvimento do caráter dessas pessoas. Também se constata que o mesmo não está sendo combatido com eficácia por professores, orientador educacional e direção escolar.

Cabe apontar que, ao analisar o caso, o trabalho trouxe contribuições significativas tanto para a turma quanto para o corpo docente dessa escola. À turma, a pesquisa mostrou como proceder para evitar ou amenizar essas situações desgastantes, melhorando assim o convívio e contribuindo para haver relações saudáveis de pleno desenvolvimento humano. Para o corpo docente, as contribuições estão associadas a melhoria de suas práticas pedagógicas, o modo de interação e aproximação dos alunos que se tornam cada vez mais necessárias para o sucesso da aprendizagem.

Prevenir e inibir atitudes violentas, que tragam danos físicos e/ou psicológicos a outros deve ser um compromisso de todos. Precisamos que os estudantes desenvolvam uma relação de confiança com os profissionais que atuam na escola, para que os que testemunharem estas situações violentas possam assim denunciar, e os agressores serem corrigidos de forma certa. E, principalmente, para que as vítimas não se calem e carreguem este trauma. É preciso que todo e qualquer ato de violência seja abolido.

Todos desejam que a escola seja um ambiente seguro e saudável, onde crianças e adolescentes possam desenvolver, ao máximo, os seus potenciais intelectuais e sociais, por isso devemos como profissionais comprometidos com a educação nos atentar aos acontecimentos do ambiente escolar, pois as consequências de atos violentos podem ser desastrosas e acarretar traumas que os envolvidos carregarão consigo para o resto de suas vidas, acrescido do desestímulo e provável fracasso escolar.

## **REFLECTIONS OF SCHOOL BULLYING IN INTERPERSONAL RELATIONS AND THE NEED OF TEACHER EDUCATION**

### **ABSTRACT**

Bullying is a phenomenon of aggressive behavior witnessed and experienced in contemporary society. It is a kind of violence, physical and / or psychological, characterized by the repetition of acts and the imbalance of power between perpetrator and victim. At school, who is involved with bullying may suffer serious consequences in their academic life, such as school failure and dropout own this hostile environment. This paper presents research results of a case occurred with a high school student in a public school. Through direct research methodology, by completing the form class and interview with a teacher, it was possible to obtain a diagnosis of how education professionals deal with this reality. Also raises possible means of intervention to be performed in

bullying. This study showed the need for teacher education against bullying in the classroom. Everyone wishes that schools are safe and healthy environments where children and adolescents can develop to the fullest their intellectual and social potential, so we as professionals committed to education be attentive to developments in the school environment and intervene when necessary.

**Key words:** bullying; school violence; teacher training.

## REFERÊNCIAS

ABRAPIA. Associação Brasileira de proteção a Infância e Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. 1998. Disponível em: <[www.bullying.com.br/BConceituação21.htm](http://www.bullying.com.br/BConceituação21.htm)>. Acesso em: 22 nov. 2009.

BEAUDOIN, Marie Nathalie; TAYLOR, Mauro. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Porto Alegre, Artmed, 2006.

CAMACHO, L. M.Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. São Paulo, 2000. Tese de doutorado pela Universidade de São Paulo.

FANTE, Cleo Aparecida Zonato. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Verus, 2005.

FREIRE, P. e FAUDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GUIMARÃES, A. M. A Escola e a ambiguidade. In: SILVA, A. et al. **O Papel do diretor e a escola de 1º grau**. São Paulo: FDE, 1992. p. 51-74.

LOPES, N.; ARAMIS, A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o Bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro, 2003.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 7, n. 13, p.119-134, 2003.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Recebido em 22 de setembro de 2014. Aprovado em 11 de novembro de 2014.